

O império português

Diana Santos

d.s.m.santos@ilos.uio.no



Padrão dos descobrimentos, Lisboa

31 de outubro de 2024

Navigation icons: back, forward, search, etc.

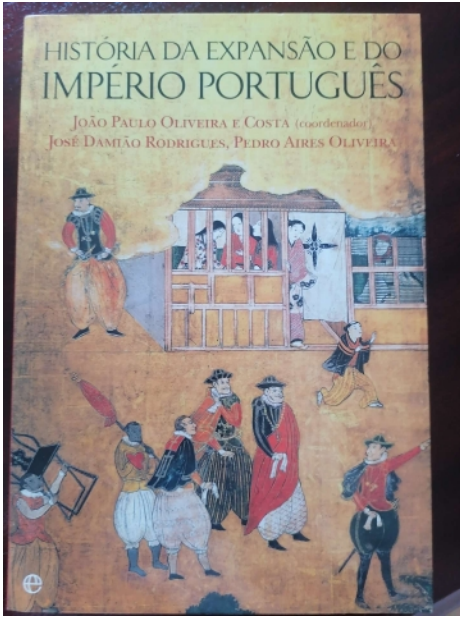
Resumo

O império português é o império moderno europeu que durou mais tempo (1415-1975/1999) e que é menos conhecido na Noruega. Nesta palestra vou falar das suas características mais importantes: comércio e sua relação com a colonização; a importância da religião e os casamentos mistos. Vou dar uma cronologia das diferentes fases do império, comparar com outros impérios europeus, e mostrar aspetos menos conhecidos.

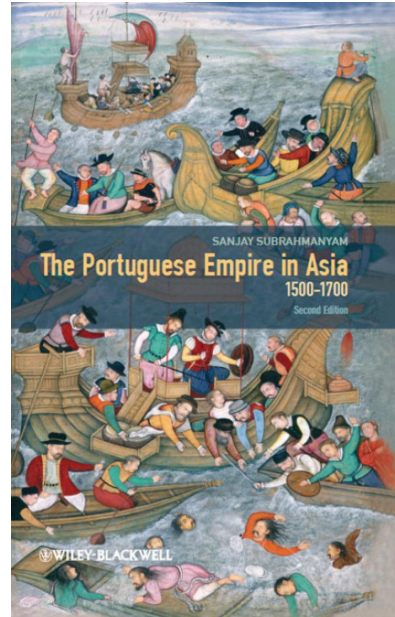


Navigation icons: back, forward, search, etc.

Fontes principais



Pedro Aires Oliveira, José Damião
Rodrigues & João Paulo Oliveira e Costa.
*História da Expansão e do Império
Português*. A esfera dos livros, 2014.
(HEIP)



Sanjay Subrahmanyam. *The Portuguese Empire in Asia, 1500-1700 : A Political and Economic History*. Wiley-Blackwell, 2012. Second edition. (TPEA)

Cada tempo/cultura é um caso

Schaub, pp. 78ff

os universitários anglófonos raras vezes consultam estudos conduzidos noutros ambientes académicos. (...)

Mesmo se a experiência racial americana constitui, com todo o direito, um objeto crucial de estudo nas ciências humanas e sociais, não pode de modo algum ser considerada como um caso de valor universal. O rigor de uma perspectiva situacional dos fenômenos sociais e culturais exige que se considere o caso dos Estados Unidos por aquilo que ele é: um caso.

Jean-Frédéric Schaub. *Para uma história política da raça*. Tinta da China, 2022. (Éditions du Seuil, 2015)

Alguns “fun facts”

- O primeiro império global, e o que durou mais dos impérios da Europa ocidental
- Em 1518, o filho do rei do Congo (negro) foi feito bispo
- Quando D. Manuel I (o Venturoso) morreu (em 1521), tinha “oficiais às suas ordens” em quatro continentes, e três oceanos
- No reinado de D. João III (1521-1557) houve uma rota comercial entre a Índia e o Japão – assegurada pelos portugueses – pela primeira vez na História (HEIP, p. 139)
- Durante 150 anos foram os portugueses que fizeram mais comércio na Ásia, a *carreira da Índia* – e foram parados pelos holandeses
- Depois da independência de Espanha (1640), todas as províncias do império português (exceto Ceuta) quiseram pertencer a Portugal outra vez (e não ficar sob o domínio espanhol)
- Durante cerca de 200 anos a língua franca no Brasil foi... o tupi
- Durante alguns anos (1808-1822) o império português teve o seu centro... na América do Sul

Resumo cronológico

Quase seis séculos: de 1415 (Ceuta) a 1999 (entrega de Macau à China).
Bastante simplificado:

- África do Norte 14xx
- costa ocidental de África 145x
- Índia e Oriente; todo o mundo 15xx 16xx
- Brasil 17xx 181x
- África 183x 19xx

Numa frase: Imperialismo marítimo nos dois primeiros séculos, progressiva territorialidade a partir do século XVII.

(de acordo com HEIP. Entre parênteses as minhas adições)

1415 conquista de Ceuta

1455-1494 Afirmação de uma potência marítima

1494 Tratado de Tordesilhas

1495-1521 O deslumbramento manuelino

1521-1557 O realismo de D. João III

1549-1580 As contradições de um império pluricontinental pujante

Os reis da segunda dinastia



D. Duarte (1391-**1433-1438**)
D. Afonso V (1432-**1448-1481**)
D. João II (1455-**1481-1495**)
D. Manuel I (1469-**1495-1521**)
D. João III (1502-**1521-1557**)
D. Sebastião (1554-**1568-1578**)



Cronologia II

- 1580-1640 Crise e reconfiguração (União ibérica)
- 1640-1668 A fidelidade à coroa portuguesa (Guerra com Espanha e com a Holanda - 1.ª guerra mundial)
- 1695-1750 Sob o signo do ouro (Ouro do Brasil)
- 1750-1777 Um tempo de ruptura? (Reinado de D. José I e Marquês de Pombal)
- 1777-1807 Continuidades e projetos reformistas
- 1808-1822 A monarquia luso-brasileira
- 1820-1870 Um império vacilante
- 1870-1890 A febre da partilha
- 1890-1910 Um império à medida das possibilidades
- 1910-1926 Um renascimento colonial falhado? A república e o império
- 1926-1961 Um império para encher o olho
- 1961-1975 Uma descolonização fora de horas

Comércio I

- Império manuelino ... vasta rede de entrepostos comerciais e de bases militares. (HEIP, p. 118) Estratégia: “for the Crown, to trade when possible, to make war when necessary” (TPEA, p. 65)
- A *Casa da Índia* em Lisboa geria o tráfico da Rota do Cabo, e havia diversas carreiras na Ásia (entre Pulicat e Malaca, entre Malaca e Chiiagong, em Bengala, entre Goa e Ormuz, etc.) Os navios (15-20) eram do rei – mercantilismo real? capitalismo real? (TPEA, p. 75ff)
- Além disso, havia as “quintaladas”, um quinto do lucro ia para o rei (TPEA)
- “Once the basic need of fortresses was in place, and once the European distribution of pepper and spices was more or less in Portuguese hands, the true nature of Asian demand too could be gauged” (TPEA, p. 81) Mercadores portugueses vendiam para o Egito e para os turcos...

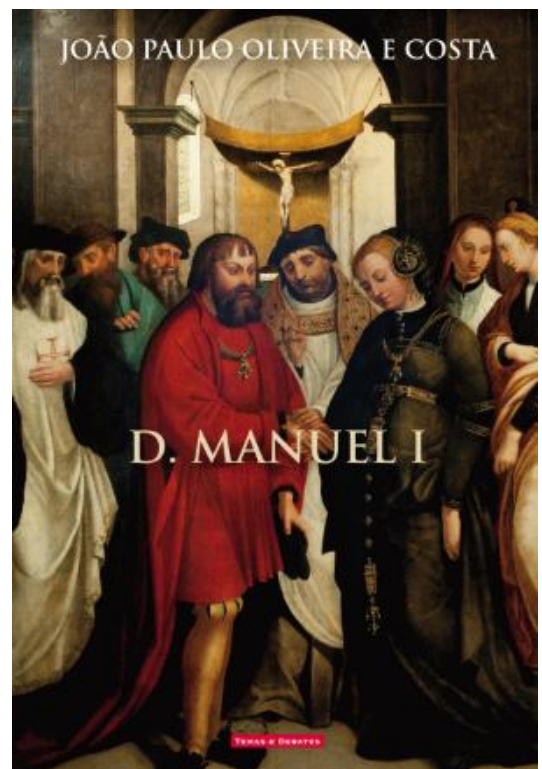
- O que significava o monopólio marítimo? Sistema de “cartazes”: salvo-condutos dados pelo rei português para a navegação no Oceano Índico (contra tributos (*páreas*) ou favores)
- monarquia pluricontinental portuguesa, com uma importante dimensão multiétnica e multicultural
- a partir de 1530, estabelecido o sistema de capitanias-donatárias no Brasil, passou a haver a discussão nacional dois de três: Ásia, Brasil e África do Norte... (The “mid-century debate”, TPEA, pp. 104ff)
- Comércio entre as colónias, ou sempre passando por Lisboa?
1772: fim da liberdade de circulação comercial entre os domínios portugueses (HEIP, pag. 277)

D. Manuel I

Várias interpretações e formas de o ver:

- “Le roi épicier” (“The grocer king”, o rei merceeiro)
- Muita sorte, ou muita inteligência?
- Déspota, ou diplomata?
- Mais interessado no comércio, ou na religião? (Messianista?)
- Pelo menos tem um estilo arquitetónico, o *manuelino* com o seu nome

O autor desculpa-se por só ter cerca de 200 referências na sua biografia...





A importância da religião

- “O objetivo final do empreendimento manuelino se centrava na cruzada a Jerusalém. [...] [D. Manuel] acalentava o velho sonho da Cristandade de vencer o Islão no Mediterrâneo Oriental e de recuperar a ligação ao mundo das especiarias pelo Próximo Oriente e pelas rotas do mar Vermelho e do golfo Pérsico.” (HEIP, p. 105)
A estratégia da Índia desde 1502 tinha dois objetivos:

- 1 vencer a guerra das especiarias
- 2 bloquear as vias muçulmanas

Os portugueses foram pioneiros na guerra marítima (porque tinham canhões nos barcos, e porque usavam armaduras)

- Porque é que D. Manuel I proibiu o cultivo de especiarias no Brasil? D. Manuel I via o trato da pimenta como uma peça de um puzzle maior que apontava para a Grande Cruzada, e sem a luta pelas especiarias asiáticas deixava de conseguir motivar a sua nobreza para ir combater os mouros na Ásia.

A importância da religião II

- No primeiro período prevaleceu a importância do espírito das cruzadas. Só depois de 1540, depois da Companhia de Jesus ter sido fundada, é que os missionários começaram a ser importantes: primeiro na Índia, depois no Japão, em Macau, e depois no Brasil. (HEIP, p.141)
- No Brasil os missionários foram importantes para que os índios se aliassem aos portugueses

Casamentos mistos

Portugal nunca teve muita população, por isso a forma de colonizar os seus domínios foi feita muitas vezes através de casamentos mistos.

- Estado da Índia: desde 1509 (Afonso de Albuquerque como vice-rei). Devia ter uma população asiática que fosse cristã, daí incentivar o casamento com mulheres locais (inspirado pelo modelo muçulmano) (HEIP, p. 111)
O crescimento deveu-se, em grande medida, à sua face mestiça.
- Brasil: na baía de Guanabara, os portugueses ganharam aos franceses por causa disso
Em Pernambuco, o capitão, Duarte Coelho, promoveu uma política sistemática de casamento dos seus homens com as índias. (p. 159)

A evolução do português a partir de meados de Quinhentos foi marcada pela participação ativa e decisiva de milhares de mestiços que eram vistos pelos outros como portugueses... (p. 160) Sem o apoio e a solidariedade das gentes da terra, nenhuma posição (nem Goa, nem o Rio de Janeiro quinhentista) era defensável duradouramente.

- 1570 - D. Sebastião promulgou leis que proibiam a escravidura de chineses, japoneses e índios.
- Comércio de escravos africanos: começou nos primeiros contactos com a África ocidental, e tornou-se, no século XVII e XVIII, uma das peças mais importantes da relação com o Brasil. Segundo BUB (p. 84), 8 a 11 milhões de africanos foram levados de África para as Américas. (6,5 para o Brasil.)
- O uso de escravos foi feito por todas as potências ocidentais que tivessem colónias ultramarinas. Muita parte do comércio foi feita por “brasileiros”.

Comparação com o império espanhol

O império espanhol era territorial, os homens saíam de Espanha para serem “povoadores” e depois terem “encomiendas”, e mais tarde fazendas.

- ligados à terra, culturalmente
- na América não havia uma rede densa e ativa de comércio como na Ásia (não podiam portanto arranjar impostos)
- foi fácil dominar militarmente as populações, que depois eram “protegidas” pelos dono da terra
- a Coroa deixou a *Carrera de las Indias* (no Atlântico) aos mercadores, apenas ganhando através de impostos

D. João III e D. Sebastião foram influenciados pelo modelo espanhol de desdenhar o comércio, daí o sistema de “concessões” nas viagens interasiáticas a partir de 1570.

Comparação com o império holandês

No século XVII

the [Dutch] companies borrowed heavily, and often consciously, from the Portuguese example in Asia. [...] this success was not one that depended crucially on a more rational organization, or a better harnessing of market forces.

TPEA, p. 223

De acordo com Subrahmanyam, nada apoia a célebre hipótese de capitalismo vs. feudalismo à la Max Weber.

Brasil: Várias fases

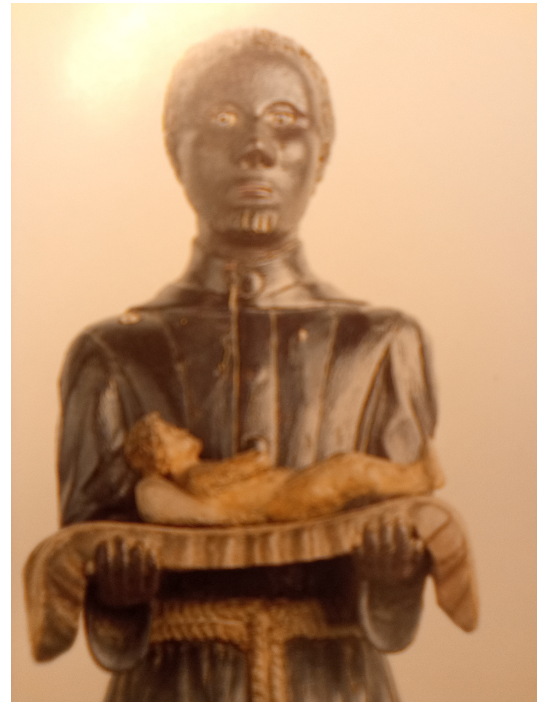


Joaquim José de Miranda, séc. XVIII

- pau-brasil
- açúcar (começa a vinda de escravos de África)
- ouro (e diamantes)
- império luso-brasileiro (1808-1822)

Visão imperial e religiosidade

- Discussão entre francófilos e anglófilos sobre o futuro do império português... “uma monarquia nos trópicos”
- As igrejas eram comuns a todas as classes sociais e a religiosidade um factor importante



São Benedito, séc. XVIII

Casa grande e senzala (1933)

- Gilberto Freyre chamou a atenção para as dinâmicas raciais e de poder no Brasil, sendo o primeiro a mostrar a importância dos escravos e da mistura étnica para a constituição do Brasil moderno
- Ao dar ênfase à diferença da colonização portuguesa vs. espanhola, francesa ou inglesa, levou à teoria do lusotropicalismo, que foi depois usada pelos governo fascista português para continuar a colonização de África

Não há, no entanto, dúvida de que no Brasil havia muito mais maleabilidade em termos raciais do que na América do Norte. Alguns exemplos:

- Henrique Dias (16xx-1662), mestre de campo e cavaleiro da Ordem de Cristo, filho de escravos libertos
- O aleijadinho (1730-1814), escultor e arquiteto, filho de um português e de uma escrava

Africanos em Lisboa I: 1522-25



Navigation icons: back, forward, search, and other presentation controls.

Africanos em Lisboa II: fim do séc. XVI, holandês



África: princípio, meio e fim

- Os portugueses só se viraram para África depois de perderem o Brasil (em 1822)
- Neste caso, foram atrás das outras potências europeias
 - envio de degredados para África
 - criação da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1876
 - viagens de Serpa Pinto e de Capelo e Ivens, 1877, 1884-1887
 - o “mapa cor-de-rosa” perdido para Rhodes. Ultimato de 1889
 - concessões muitas vezes a empresas britânicas (caminho de ferro, telégrafo, barcos a vapor)

A questão da abolição da escravatura

- Muito empurrados pelos ingleses, que faziam de polícia internacional – daí a expressão “para inglês ver”
- Pouca aderência popular/da opinião pública: qual o método para aplacar as exigências da Inglaterra e manter a dignidade nacional? 1838, 1842, 1854, 1858...
- Episódio anti-esclavagista contra a França em 1858 em que os ingleses não apoiaram os portugueses
- Não havia dinheiro para compensar os donos dos escravos
- Uso de trabalho forçado quando conveniente (serviço obrigatório)

- Alguma tentativa, tardia, de colonização territorial
- Ventos contrários levaram a uma descolonização tarde demais
- A democracia em Portugal surgiu como consequência da luta contra a guerra colonial
- Mais uma vez, não houve unanimidade em Portugal sobre a independência das colónias e a forma da descolonização
- O processo dos “cooperantes”, e a CPLP, foi uma forma de manter relações com as antigas “províncias ultramarinas”, mas muito diferente do Commonwealth

Últimas palavras

- Nem todos os impérios são iguais
- Muito se modifica com o tempo
- Vale a pena aprender a história e a cultura de outros povos para compreender melhor o nosso mundo

The Portuguese did play a major role in bringing to the peoples of Europe, Africa, Asia, and America an awareness of each other. This occurred initially in the 'contact period' of European explorations. But what distinguishes the Portuguese from the Spanish, English, French, and Dutch, was that such initial contacts were nurtured into fruitful relationships over several centuries and that they were truly global in nature.

(Russell-Wood, 1992, p.220)



500 anos do nascimento de Camões

- João Paulo Oliveira e Costa. *Portugal na História: Uma identidade*. Temas e debates, 2022.
- Gilberto Freyre. *Casa grande e senzala : formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Global Editora, 2006, 51. edição
- Jean-Frédéric Schaub. *Para uma história política da raça*. Tinta da China, 2022. (Éditions du Seuil, 2015)
- Lilia M. Schwarcz & Heloisa M. Starling. *Brasil: Uma biografia*. Temas e debates, 2015.
- Russell-Wood, A. J. R. *The Portuguese Empire, 1415-1808: a World on the move*. The Johns Hopkin University Press. 1992
- Ana Rosa Cloclet da Silva. “Uma monarquia nos trópicos A visão imperial subjacente à migração da Corte portuguesa: 1777-1808”. *Cultura - Revista de História das Ideias*, vol. XVIII, pp. 91-119.